

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A NECRÓPOLE SOB VÁRIAS ÓPTICAS: UM PANORAMA DA PESQUISA SOBRE CEMITÉRIOS NA PÓS-GRADUAÇÃO BRASILEIRA

Pedro Luiz Vianna Osorio

Mestrando em Museologia – Universidade de São Paulo (USP)

pedro.osorio@usp.br / plv.osorio@gmail.com

Maria Cristina Oliveira Bruno

Professora Titular em Museologia – Universidade de São Paulo (USP)

mcobruno@uol.com.br

Introdução

Parte do trabalho científico, especialmente em fase inicial de pesquisa ou readequação da metodologia, consiste na buscar outras produções que versem sobre o tema pesquisado ou se aproximem do objeto trabalho. Esse trabalho de prospecção auxilia tanto na busca de possíveis caminhos a serem trilhados dentro do processo amplo de desenvolvimento de uma pesquisa acadêmica quanto para identificar pares que, por ventura, tenham se aventurado por tais caminhos e podem ser referência durante a nossa própria caminhada.

Devido ao contexto nacional da pandemia corrente de COVID-19 e à impossibilidade de trabalho de campo através de práticas educativas *in loco*¹ que caracterizavam a ideal inicial do projeto de pesquisa provisoriamente intitulado “Entre as ruas e avenidas da cidade dos mortos: por uma apropriação museológica do cemitério”, constatou-se a necessidade que readequação dos trabalhos e, por conseguinte, um retorno à fase de prospecção bibliográfica². Nesse sentido, ao retornar à pesquisa de trabalhos que se aproximam do nosso tema a fim de estabelecer pontes e debates, decidiu-se construir um quadro geral desses trabalhos e disponibilizá-los para consulta futura por parte de

-
- 1 A primeira versão da pesquisa tinha como objeto as práticas educativas e comunicacionais a serem levadas a cabo no Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre. Como tal estudo passaria por momentos de aglomeração de diversos indivíduos no mesmo espaço e a instituição responsável pelas atividades não as está promovendo no momento, optou-se por voltar os esforços para outras frentes de trabalho que sejam mais seguras do ponto de vista sanitário. Não está descartada, contudo, a análise dessas práticas citadas caso o quadro geral da pandemia de COVID-19 apresente uma retração considerável, a ponto de tornar as atividades seguras para as pessoas envolvidas, entre promotores e promotoras e visitantes.
 - 2 A pesquisa é desenvolvida no Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo (USP), sob orientação da Prof^ª. Dra. Maria Cristina Oliveira Bruno. O trabalho conta com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), através do Programa de Demanda Social.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

outras pesquisadoras e pesquisadores que venham, também, a tratar o tema do espaço cemiterial por uma perspectiva acadêmica, técnica ou por interesse pessoal.

Nas próximas páginas serão apresentados, além do processo de coleta dos dados dos trabalhos produzidos à nível de pós-graduação no Brasil, dados referentes a essa produção que buscam desenhar um panorama da mesma, bem como apontar possíveis caminhos que podem ser construídos a partir dessas informações. O quadro aqui apresentado não tem como objetivo exaurir as possibilidades de coleta e tratamento dos dados desses trabalhos acadêmicos, mas dar um passo adiante na socialização e circulação de produções que, de outra forma, talvez ficassem reservadas aos bancos próprios de cada universidade responsável por sua produção. No caminho aberto pela publicação “Estudos Cemiteriais no Brasil: catálogo de livros, teses, dissertações e artigos” (BORGES; SANTOS; GOMES, 2010), a disponibilização em livre acesso do conteúdo da tabela produzida durante a coleta dos dados pretende incentivar a pesquisa no tema, criando uma porta de entrada às e aos interessados³.

Breves notas metodológicas

Antes de comentar o processo de coleta de dados para este trabalho, é importante notar três pontos sobre a existência do mesmo: em primeiro lugar, o tema aqui tratado não é o objeto central da pesquisa de mestrado. Esta versa sobre as aproximações entre o espaço cemiterial e a instituição museu, especialmente de maneira conceitual, em vias de observar as relações existentes entre a materialidade das sepulturas, as narrativas construídas através desses objetos e as relações construídas para com as e os visitantes do espaço. O recolhimento bibliográfico é parte, sim do trabalho de pesquisa, mas não resume o projeto.

Em segundo lugar, esta coleta de dados, ainda que se inspire no método (COSTA, 2017), não é uma pesquisa bibliométrica *per se*. Isso porque não mensura o impacto de cada trabalho nem as redes criadas entre as pessoas responsáveis por essas pesquisas. Seria de grande interesse observar essas conexões de forma detalhada, a fim de não só construir esse mapa de relações entre trabalhos, como também para identificar agentes dentro e fora das universidades que estejam afinados com o tema e possam ser pontos-

3 Uma versão para consulta do banco de trabalhos está disponível no seguinte endereço: <https://drive.google.com/drive/folders/1VPm4mFZLCBuXUs8SjMfH1F--tqiMZm6w?usp=sharing>. Um documento auxiliar contendo notas sobre a construção do mesmo está em processo de escrita no momento de fechamento deste texto.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

chave numa prospecção mais atenta sobre as diferentes formas de estudar uma necrópole. Voltaremos nesse ponto ao final do texto.

O terceiro ponto, a ser melhor destrinchado nas linhas que se seguem, diz respeito ao universo de dados coletados: de forma alguma, as informações quantitativas aqui apresentadas representam a totalidade das produções realizadas tendo como objeto de pesquisa o espaço cemiterial. Isso se deve por limites impostos pelo próprio processo de coleta: ao atentar-se apenas ao Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, deixou-se de fora artigos publicados em periódicos científicos, trabalhos de conclusão de graduação e especialização, relatórios técnicos, atividades de ensino-aprendizagem, promoções culturais, entre outros tipos de produções.

A partir desses pontos, em especial o terceiro, é interessante discutir rapidamente o processo de montagem do quadro de teses e dissertações a fim de compartilhar com as e os leitores a construção do mesmo. Como comentado, a formação desses banco dados teve como inspiração uma pesquisa bibliométrica de fato: a tese de doutoramento da professora Luciana Ferreira da Costa, que, no texto aqui citado (COSTA, 2017), estudou a produção científica em Museologia no Brasil através dos artigos científicos de livre acesso publicados por docentes permanentes dos programas de pós-graduação *stricto sensu* na área entre 2006 e 2016. Com um *corpus* de 182 artigos, a análise gerou um conjunto de 19 categorias temáticas sobre a produção, permitindo traçar tendências e desenhar um estado das coisas.

Luciana Costa constrói seu *corpus* a partir dos diferentes objetos estudados por uma mesma área do conhecimento, enquanto nós buscamos observar como diferentes áreas se colocam frente a um mesmo objeto – nesse caso, o cemitério. Como mecanismo de busca, definimos o Catálogo da CAPES, por compilar a produção em nível de pós-graduação em um mesmo banco unificado: isso se deu por imaginarmos esse catálogo como uma porta de entrada para o tema, questionando, por exemplo, “o que encontrará de produção acadêmica a pessoa interessada na temática cemiterial?”. Para isso, usamos dos termos de busca “cemitério” e “cemiterio”⁴, a fim de direcionar a consulta, mas abrimos mão de filtros avançados para deixar o resultado mais amplo possível. O

4 Alguns mecanismos diferenciam palavras com e sem acento. O retorno, em ambas as grafias, foi o mesmo. Porém, durante a escrita deste texto, observamos que, ao grafar a inicial da palavra em letra maiúscula, em ambos os casos, o retorno é de 415 trabalhos, não mais 428. Ainda não conferimos quais as alterações entre os dois retornos de busca.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

resultado da busca foi de 410 trabalhos e, após coleta das dissertações e teses para a Plataforma Sucupira, em maio deste ano, o retorno subiu para 428, considerando as dissertações e teses depositadas em 2020 e no início de 2021.

Cada trabalho foi recuperado individualmente, tendo o máximo de informações registrada em uma planilha no *software* LibreOffice Calc⁵, onde também foram feitas as análises e os cruzamentos aqui apresentados. A planilha foi dividida em quatro seções identificadas por cores, a saber: vermelha, azul, verde e amarela. Apresentamos cada uma, à exceção da seção amarela⁶, nos próximos parágrafos⁷.

A seção vermelha contempla: i) a autoria, no formato “Sobrenome, Nome”; ii) a filiação, ou não, da pesquisadora ou pesquisador à Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais (ABEC); iii) o título do trabalho, conforme consta no Catálogo; iv) o ano da defesa; e v) o grau concedido. Essa seção é responsável pela identificação individual de cada trabalho, que também se encontra numerado conforme aparece no retorno da busca: antes de iniciar a compilação, a pesquisa foi feita da mesma maneira em dias e horários diferentes a fim de garantir a consistência dos resultados.

A filiação institucional e a área científica da produção encontram-se na seção azul, a partir das colunas: i) programa; ii) área básica; iii) área de avaliação; iv) grande área; v) código do programa⁸; vi) instituição de ensino superior (IES); vii) sigla da IES; e viii) natureza jurídica da mesma. Esta seção demandou um pouco mais de atenção para compilação dos dados pois foi preciso cruzar informações de diferentes bases após a fase inicial.

5 O LibreOffice é um *software* livre e de código aberto, sendo permitido o uso, distribuição e alteração por qualquer pessoa. A CAPES disponibiliza um painel de análise quantitativa, mas, devido ao fato de o Adobe Flash Player, que reproduzia a ferramenta, ter sido descontinuado, a mesma não está ativa.

6 A seção amarela do banco de trabalhos diz respeito à informações que só puderam ser acessadas através do Catálogo da CAPES para os trabalhos depositados após a implantação da Plataforma Sucupira em 2014, e representam apenas 221 do 428 resultados. Informações como palavras-chaves, orientação e financiamento das pesquisas não constam neste texto, mas não se descarta o avanço na coleta desses dados para ampliar, futuramente, o quadro aqui desenhado.

7 O formato de organização dos dados e a apresentação da metodologia empregada foram influenciados por duas experiências anteriores do aluno mestrando: o trabalho de conclusão de curso de graduação em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) (OSORIO, 2019) e o período em que trabalhou em iniciação científica junto à Prof.^a Dra. Sabrina Letícia Couto da Silva, de Estatística, no Instituto Federal de Ciência, Educação e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS). A adequação para análise de trabalhos em pós-graduação foi supervisionada pela orientadora na USP.

8 Apenas válido para trabalhos depositados de 2013 em diante, recolhidos a partir da implantação da Plataforma Sucupira em 2014. Do contrário, consta como ‘n/a’.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A coluna ‘programa’ foi feita com base nos resultados da busca. Nas colunas ‘ii’, ‘iii’ e ‘iv’, para os trabalhos depositados após 2013, constam informações retiradas a partir das informações de cada um, presentes na Plataforma Sucupira, em cruzamento com a “Tabela de Áreas de Conhecimento” publicada pela CAPES em 2017 (CAPES, 2020)⁹. Para os anteriores à implantação da Plataforma, buscou-se o programa de pós-graduação indicado por cada um dos trabalhos diretamente na lista de Cursos Avaliados e Reconhecidos (CAPES, [s.d.]), mas não foi possível checar se houve mudanças nos programas entre o ano da defesa do trabalho e o momento de consulta. A ‘natureza jurídica’ foi feita com base em trabalho anterior (OSORIO, 2019) e diz respeito à esfera à qual a IES pertence: privada ou pública – federal, estadual ou municipal.

A seção verde, por fim, conta com a localização da IES onde foi produzido o trabalho, dividida em: i) região; ii) Unidade Federativa (UF) e iii) cidade. A cidade foi recuperada a partir das informações do Catálogo da CAPES. Os códigos das regiões e das UFs foram feitos a partir de publicações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a saber, o “Quadro Geográfico de Referência para Produção, Análise e Disseminação de Estatísticas” (IBGE, 2019, p. 23) e do serviço digital “Código dos municípios IBGE” (IBGE, [s.d]), respectivamente.

Após a coleta dos dados referentes aos 428 trabalhos, e para este estudo em específico, foi feita uma breve prospecção a fim de remover produções que não se encaixassem nos critérios definidos anteriormente, no caso, o espaço cemiterial como objeto de estudo. Conferimos, em especial, trabalhos da grande área de Linguística, Letras e Artes que versam sobre produções literárias com a palavra “cemitério” no título, como é o caso do livro “O Cemitério dos Vivos”, de Lima Barreto. A partir disso, foram removidos 43 trabalhos, restando 385 para as análises aqui apresentadas¹⁰.

Esses 385 trabalhos, como já dissemos, não necessariamente representam o quadro completo da produção acadêmica no Brasil, mas uma aproximação possível ao se pensar esse como um primeiro contato entre a pesquisadora ou pesquisador e o tema que lhe interessa. A partir daqui, compartilhamos algumas informações colhidas através da

9 A Tabela consiste em 4º níveis de agrupamentos dos saberes científicos. Aqui, manteve-se apenas três a fim de afinar o banco com os dados do Catálogo da CAPES, onde constam, também, três níveis.

10 Ao contrário do que se pretendia inicialmente, não foi possível conferir, através dos resumos, cada um dos trabalhos para a triagem dos que comporiam o quadro construído. Assim, removemos os que sabíamos, pela leitura panorâmica dos títulos durante a coleta, que não deveriam compor o banco. A versão divulgada na nota 3, por outro lado, comporta todos os 428 trabalhos recuperados.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

análise do banco de teses e dissertações que construímos. Além disso, mesmo com dados incompletos, os caminhos pelos quais esses dados nos conduziram não passam apenas pela produção específica em estudos cemiteriais, mas também nos permitem refletir sobre o estado das coisas do investimento nacional em pesquisa científica e formação de pessoal de nível superior, como será oportunamente tratado.

Uma cartografia inicial da produção

Mesmo que o universo dos trabalhos seja, certamente, mais amplo que a amostra aqui apresentada, ainda é bastante frutífero partir desse ponto, tendo em vista, também, observar os possíveis caminhos para seguir investigando como o espaço cemiterial tem sido tratado dentro da pesquisa acadêmica. Sem esgotar o tema, nem as possibilidades de tratamento dos dados compilados, apresentamos, então, um panorama ainda em construção.

De início, constatamos que, entre os 385 trabalhos compilados, existem 375 autoras e autores. Apenas 10 dessas pessoas realizaram produção em nível de mestrado e doutorado que versassem sobre o cemitério, e apenas uma delas é filiada à ABEC. Também nesse sentido, apenas 22 pessoas do nosso banco também constam como sócias no *site* da associação, que lista 103 associados e associadas (ABEC, [s.d.]). Dentro dessas 22 pessoas, há uma maioria (17 trabalhos) voltada para as Ciências Humanas e para a área básica Sociais e Humanidades, integrante da grande área de conhecimento Multidisciplinar. Mesmo que isso não represente necessariamente o posicionamento científico da associação, tanto em números quanto em diretrizes de trabalho, se aproxima das razões de a mesma ter sido criada:

O nosso objetivo era agrupar pesquisadores que já conhecíamos e estudavam os cemitérios nas diversas áreas das Ciências Humanas. Sabíamos da necessidade de realizar um intercâmbio de pesquisas entre nós e estávamos conscientes das dificuldades que a academia possuía de assimilar tal assunto, pois muitos de nós pertencíamos a ela, seja como professores, seja como mestrandos e doutorandos (BORGES, 2018, p. 38).

O reduzido número de pesquisadoras e pesquisadores associados que aparecem em nosso banco de dados pode ter sido, também, mera consequência dos termos de busca, limitados propositalmente. Apesar de possuir “estudos cemiteriais” no próprio nome, a ABEC não estabelece nenhuma limitação quanto a trajetória acadêmica e objetos de pesquisa de seus associados e associadas, sendo seu objetivo “[...] desenvolver entre seus associados o estudo dos cemitérios e suas respectivas manifestações culturais, históricas, artísticas e afins [...]” (ABEC, 2018, p. 1), o que abre margem para estudos que não

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

versem sobre o espaço físico do cemitério em si, mas diversos outros temas relacionados e correlatos.

Três quartos dos trabalhos recuperados (76,9%) são feitos em nível de mestrado acadêmico (ME), seguido de 16,6% de defesas para doutores e doctoras (DO). Os outros 6,5% estão divididos entre mestrado profissional (4,9%) e profissionalizante (1,6%)¹¹. Já o avanço da produção científica em nível de pós-graduação cresce ao longo dos anos, conforme apontado no gráfico abaixo (figura 1):

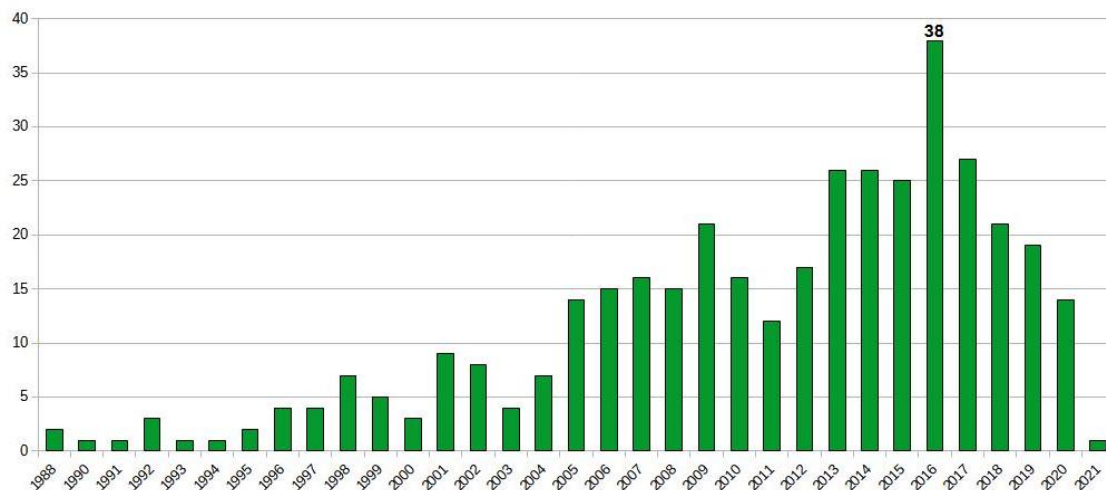


Figura 1 - Quantidade de trabalhos por ano (t=385)

Percebe-se uma curva ascendente na produção, com pico em 2016, tendo sido defendidos 38 trabalhos, mas decrescendo nos anos seguintes¹². Também é interessante notar que a curva começa a subir com maior vigor no período entre 2005 e 2009 e, apesar do vale entre 2010 e 2012, logo se estabiliza em alta em relação ao período anterior. Uma hipótese, é que esse aumento da produção científica pode estar relacionado com os investimentos feitos, especialmente, a partir do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), em voga entre 2008 e 2012 (BRASIL, 2012): levando em consideração que uma pessoa que inicia a graduação no primeiro ano do programa teria o grau concedido de 2011 em diante, ingressaria na

11 Vale notar que o grau “profissionalizante” ocorre apenas nos anos 2004, 2007, 2010 e 2011, enquanto o mestrado profissional apenas de 2013 a 2020. Não foi possível verificar se ambos são equivalentes, tendo sido modificada a nomenclatura, ou se são dois graus de pós-graduação diferentes.

12 As razões para a queda da curva a partir de 2017 não são evidentes apenas pelos números, mas levando em consideração a alta taxa de dissertações (76,9%), algumas possibilidades são que as pessoas estejam afastadas da formação em nível de pós-graduação, ou trabalhando em seus doutoramentos, que demandam em média quatro anos de trabalho, ou seguiram estudando outros objetos que não aparecem nesses resultados de busca, ou, mesmo, precisaram abandonar os estudos em algum momento. Uma análise na trajetória de cada uma e cada um seria importante para determinar qual hipótese mais se aproxima da realidade.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

pós-graduação a partir de 2012 e defenderia a dissertação pelo menos quatro semestres depois, ao final 2013. Considerando eventuais prorrogações e ingressos no mestrado no segundo semestre de 2012, isso explicaria, em parte, a alta e a estabilidade na quantidade de defesas a partir de 2013.

Ao observar a distribuição entre as Grandes Áreas do conhecimento (figura 2), contata-se uma predominância dos estudos cemiteriais nas Ciências Humanas (48,6%), seguida pela área Multidisciplinar (12,7%), Ciências Sociais Aplicadas (10,6%) e Ciências Exatas e da Terra (9,1%).

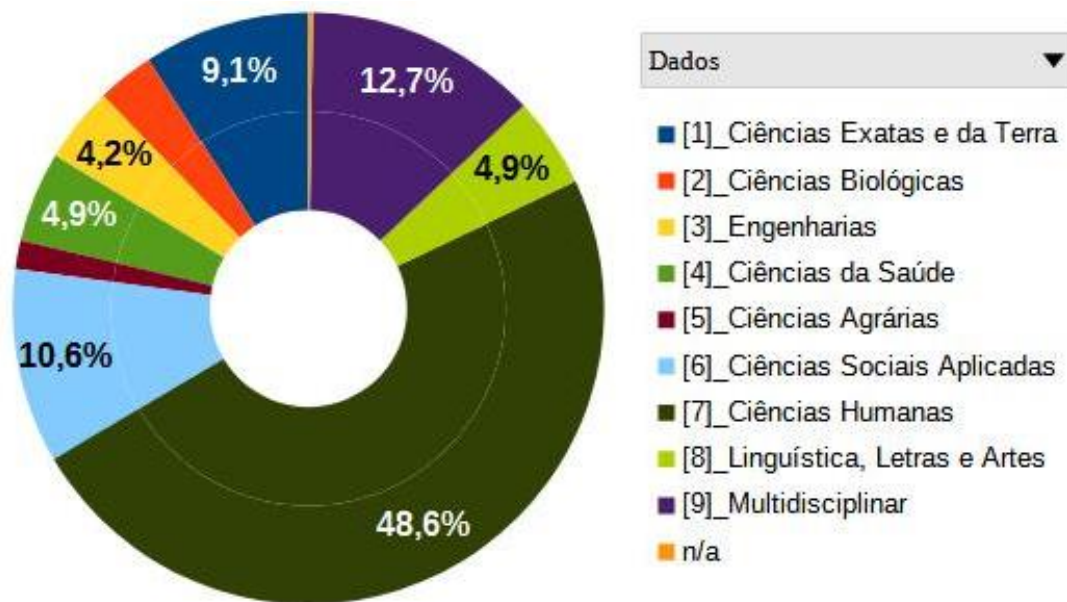


Figura 2 - Porcentagem de trabalhos por Grande Área (t=385)

Nas Ciências Humanas (187 trabalhos), não surpreende o destaque dado para as áreas de avaliação História (80), Antropologia/Arqueologia (43) e Geografia (26), que estudam o espaço cemiterial através de sua materialidade enquanto documento da realidade e/ou através das relações entre seus símbolos e rituais e a sociedade que as envolve. Já na grande área Multidisciplinar (49 trabalhos), há de se apontar o expressivo número de trabalhos em Ciências Ambientais (18), preocupadas em entender a influência desses lugares – que nos abrigam na fase terminal da vida orgânica, a decomposição do corpo – na qualidade do ambiente do entorno, em especial em relação às águas subterrâneas e ao solo que ocupam¹³, interesse compartilhado com as Ciências Exatas e da Terra (35 trabalhos), através de estudos nas Geociências (29).

13 Devido ao impacto das necrópoles no ambiente, 18 trabalhos podem parecer um número pequeno, levando em consideração o tamanho do país. Porém, lembramos que essas são pesquisas que se deram

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Dentro a grande área Multidisciplinar também está a área básica “Sociais e Humanidades” (27), que discute temas interdisciplinares dentro das humanidades, como memória, patrimônio e outros aspectos culturais. Enquanto isso, as Ciências Sociais Aplicadas (41 trabalhos) preocupam-se na relação entre a necrópole e outras instâncias da cidade, especialmente através da Arquitetura e Urbanismo (24), da Administração (5), do Planejamento Urbano e Regional (3) e, ainda, do Turismo (2).

A distribuição regional dos trabalhos (figura 3), ainda que mostre uma concentração na região Sudeste, não dista da realidade populacional (IBGE, 2010) ou da situação de ingresso em cursos de graduação (CARVALHO, 2014)¹⁴. Já o olhar direcionado às UFs mostra uma situação um tanto mais díspar, sendo que os seis estados com mais de 20 pesquisas somam 263 (68,3%) das 385 compiladas – São Paulo (89), Rio de Janeiro (53), Rio Grande do Sul (47), Pernambuco (27), Paraná (24) e Minas

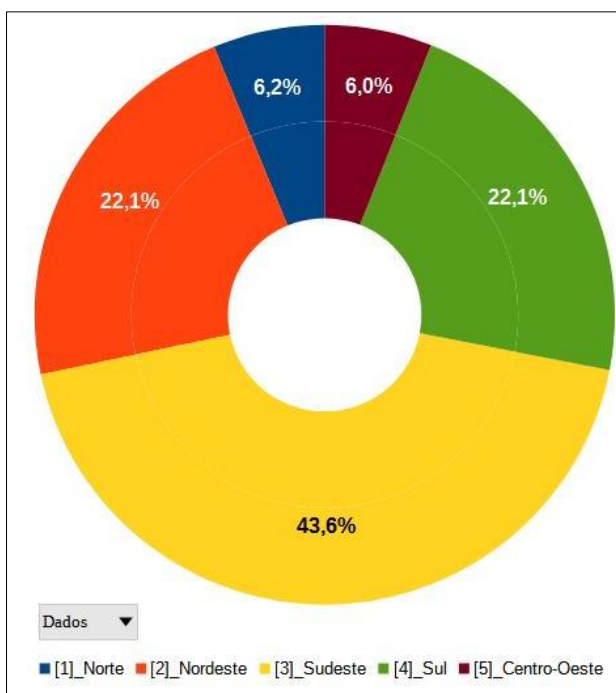


Figura 3 - Porcentagem de trabalhos por região da IES (t=385)

Gerais (23) – e os outros 19 estados produziram, cada, 14 trabalhos ou menos dentro do somatório total, representando apenas 31,7% (122 trabalhos). Acre e Amapá não retornaram nenhum trabalho durante a busca e ficaram fora desse quadro.

Três das quatro UFs da região Sudeste aparecem na listagem com mais de 20 trabalhos, com especial atenção para São Paulo e a força de suas universidades públicas estaduais: desses 89 trabalhos, 59 foram defendidos na rede estadual superior, entre a Universidade de São Paulo (USP), com 27 defesas, a Universidade de Campinas (UNICAMP) e a Universidade Estadual Paulista (UNESP), com 16 cada. Somadas, as

em nível acadêmico, e é possível que grande parte dessas avaliações ambientais sejam feitas a partir de trabalhos técnicos por iniciativa de instâncias governamentais.

14 A observação é verdadeira considerando período até 2010, coberto pelas duas pesquisas citadas. Precisamos aguardar a realização do próximo Censo Demográfico a fim de confirmar se essa realidade se mantém. Os dados gerais sobre a pós-graduação encontram-se disponíveis no portal de dados abertos da CAPES, porém, devido ao imenso volume de informações, serão comparados ao nosso banco de dados em uma próxima oportunidade.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

três superam o segundo estado, Rio de Janeiro, em sua totalidade, onde a rede federal é responsável por 41 defesas, com proeminência da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), responsável por 23 pesquisas, entre teses e dissertações.

Por outro lado, ainda que o total de 385 defesas mostre uma grande presença da região Sudeste, em especial no eixo Rio-São Paulo, uma análise histórica mostra que esse quadro, em realidade, está em processo de atingir um certo equilíbrio desde 2007 (figura 4):

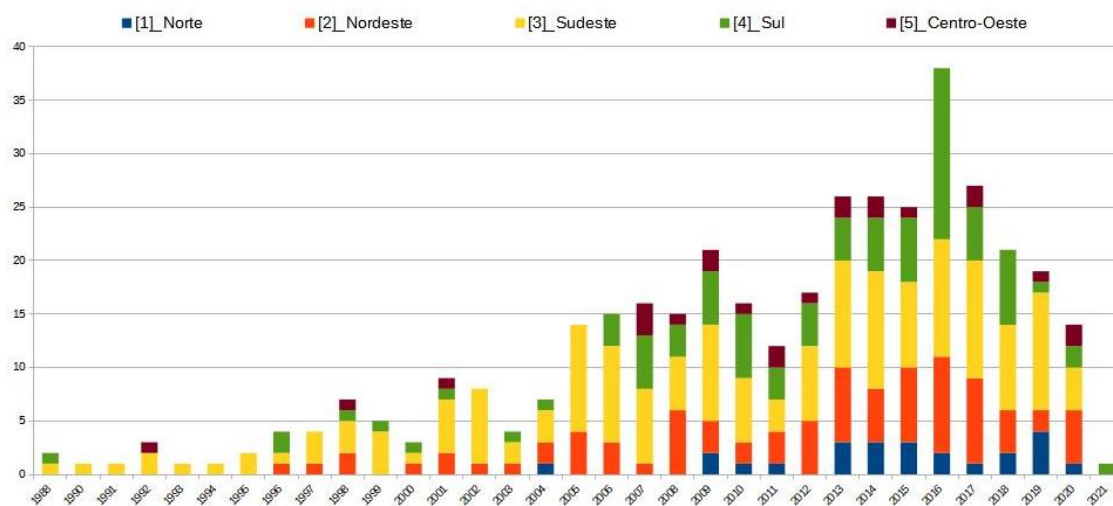


Figura 4 - Distribuição regional de defesas por ano (t=385)

Percebe-se, a partir desse ano, que a produção de pesquisas sobre os espaços cemiteriais, além de aumentar em números absolutos, também se dilui entre as cinco regiões brasileiras. O Sudeste se mantém em constante produção científica em todos os anos, mas passa a dividir mais espaço com Sul e Nordeste, que crescem a partir do mesmo ano, ao mesmo tempo que as regiões Norte e Centro-Oeste também reclamam seu espaço dentro do campo. Como não foram feitas análises temáticas a partir dos objetos de estudo dos trabalhos, não apontaremos hipóteses nesse sentido para a mudança no quadro geral de distribuição.

Porém, citamos novamente a hipótese de essa mudança estar ligada aos programas de fomento de formação superior da gestão do Partido dos Trabalhadores (PT), em especial o REUNI:

A política de expansão extensiva e intensiva do segmento federal no governo Lula tinha por objetivo reduzir as distâncias geográficas e as desigualdades da educação superior em termos regionais. Este foi o terceiro aspecto da política de expansão da educação superior. O programa de governo materializou-se em ação concreta, à medida que as universidades federais abriram novos *campi* no interior dos estados no âmbito dos projetos de expansão pactuados com MEC por intermédio do Reuni. Além disso, criaram-se novas universidades federais, todas localizadas em cidades interioranas. A redução das desigualdades regionais foi de responsabilidade do segmento federal, uma vez que as

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

estratégias de mercado da iniciativa privada não passam, necessariamente, por preocupações de ordem social ou de redistribuição espacial (CARVALHO, 2014, p. 222)¹⁵.

Com o avanço da formação em nível de graduação em regiões que não apenas o centro populacional e econômico, em especial o eixo Rio-São Paulo, também aumenta o número de pessoas qualificadas a ingressar no ensino em nível de pós-graduação, que requer diploma de bacharel ou licenciado (BRASIL, 2018 [1996]). Em parte essa hipótese se confirma nos nossos dados, pois, ao observar a distribuição da produção nas cinco regiões a partir da natureza jurídica das IES onde as pesquisas foram feitas, a região Sudeste é a única onde as universidades públicas estaduais superam as federais, e, mesmo levando em consideração as redes estaduais do RJ e MG, isso só ocorre devido às instituições paulistas. Em relação às UFs, individualmente, São Paulo e Paraná (PR) são as únicas em que as universidades públicas estaduais produziram mais trabalhos que a rede federal, ainda que a razão no PR seja de 13 para 10 trabalhos, respectivamente. A rede federal lidera a produção em todas as outras UFs, e produz um total de 227 trabalhos dos 385 considerados para esta análise.

Como reflexo do investimento estatal nas universidades federais – e mesmo nas instituições privadas – há também uma qualificação do corpo docente através de formação continuada e de novas contratações, que acaba por incrementar o número de programas de pós-graduação e os grupos de pesquisa no país a partir do crescente número de doutoras e doutores (AFONSO, 2014). Os reflexos passam não só pelo aumento numérico, mas também pela qualificação tanto dos docentes quanto das instituições de ensino superior, que se traduz em qualidade de produção científica.

A expansão na produção científica sobre cemitérios a partir desse período também pode estar relacionada a esse movimento de ampliação de corpo docente, que amplia as discussões teóricas e temáticas, abrindo espaço para que outros objetos possam ser explorados nas pesquisas discentes. Por exemplo, tal é o caso do aumento de trabalhos sobre escultura funerária dentro da história da arte a partir da década de 1980 no Brasil, constatado por Maria Elizia Borges (2018), apontado como reflexo da valorização de

15 Vale notar que as instituições privadas participam desses processos de interiorização em função de outro investimento em voga, o Programa Universidade para Todos (PROUNI), que prevê bolsas de estudos pagas a essas instituições pelo governo federal, criando um novo mercado em educação superior privada além dos principais centros econômicos brasileiros (CARVALHO, 2014).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

produções artísticas regionais pela criação, também, de programas de pós-graduação que estudassem essas manifestações culturais até então escanteadas.

Ambos os movimentos, em termos gerais da ciência brasileira e em termos específicos do campo aqui tratado, são reflexos diretos da valorização da produção científica, tanto em quantidade – pela expansão da rede federal de ensino superior Brasil afora – quanto em qualidade – pela capacitação dos docentes e expansão de programas de pós-graduação para abraçar discentes com novos objetos de pesquisa.

Possíveis caminhos

As informações de uma primeira análise exploratória sobre o banco de dados nos mostram um quadro numericamente otimista: há um aumento nas pesquisas sobre um tema historicamente marginalizado, que, muito associado com a dor da perda e com o sobrenatural, não recebeu devida atenção da academia até pouco tempo atrás (BORGES, 2018). Indo ao encontro, o avanço rápido a partir da segunda metade da década de 2000 pode estar relacionado com um quadro nacional de fomento científico, que afeta positivamente todas as áreas enquanto reflete sobre objetos específicos dentro dos campos científicos.

Com produções em todas nove grandes áreas do conhecimento delimitadas pela CAPES (2020) e em 33 das 41 áreas de avaliação, os estudos sobre espaços cemiteriais compõe um campo bastante diverso, mas com interesses comuns. Lembrando que a publicação do catálogo “Estudos Cemiteriais no Brasil” (BORGES; SANTOS; GOMES, 2010) já conta com uma década desde seu lançamento, certamente há de haver consideráveis modificações no campo, o que torna desejável uma revisão e expansão do trabalho a fim de incluir as novas descobertas não só dos estudos em cemitérios, mas nos temas que envolvem esse espaço e sua relação com as sociedades a que fazem referência.

Outro encaminhamento possível dessa primeira exploração descritiva pode vir a ser a identificação das e dos agentes responsáveis por fomentar os debates sobre os espaços cemiteriais. Analisar autoras e autores, orientadoras e orientadores, bem como componentes das bancas e referências bibliográficas pode apresentar um quadro amplo de redes de relacionamento entre pessoas com interesses comuns, uma vez que a ciência é produção humana e fruto de relações construídas ao longo do trabalho de pesquisa.

Se tomarmos a ABEC como uma porta de entrada para identificar essas e esses agentes, uma possibilidade seria realizar uma prosopografia de seus associados e buscar, além do interesse pela temática da morte e da necrópole, outras peças-chaves que os

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

encaixem entre si: qual sua trajetória pessoal e acadêmica? Com quem dialogaram ao longo dos últimos anos? Quais áreas do conhecimento são sobressalentes na produção dessas pessoas? Esse é um trabalho de peso, que demandaria tempo e esforço, ao mesmo tempo que traria novas informações sobre a composição do campo de pesquisa, não apenas acerca da produção, mas também das produtoras e produtores. Tal abordagem é, inclusive, expansível para pesquisadoras e pesquisadores não filiados à associação, o que expandiria ainda mais os horizontes demográficos do campo.

Os dados aqui apresentados sobre a produção científica em espaços cemiteriais até o momento ainda são iniciais, mas já apontam alguns cenários a serem investigados com maior atenção. Novos cruzamentos entre as diversas seções do banco de dados, bem como um esforço para aumentar o número de trabalhos compilados através de outras ferramentas e ir em busca das pessoas responsáveis, podem trazer à tona novas informações acerca de um tema de trabalho que vem tendo um crescimento expressivo nos últimos anos.

Fatores como quebra de tabus sociais, novas discussões sobre o patrimônio, avanços teóricos no debate sobre manifestações culturais, artísticas e religiosas certamente influenciam esse cenário, que tem sido desenhado ao longo dos últimos anos para os estudos em cemitérios. Mesmo assim, é imprescindível que esse acaloramento do debate seja acompanhado por investimentos que permitam que as pesquisadoras e pesquisadores desenvolvam seus trabalhos com segurança e com a maior qualidade possível. E isso, evidentemente, é válido para todas as áreas do conhecimento, não apenas para o nosso objeto.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Referências

AFONSO, Mariângela da Rosa. O impacto do REUNI na pós-graduação: o caso da Universidade Federal de Pelotas. **Eventos Pedagógicos**, v. 5, n. 4, 2014. p. 102-116.

ASSOCIAÇÃO Brasileira de Estudos Cemiteriais. **Estatuto Social Consolidado**. Goiânia, 17 de setembro de 2018.

_____. **Sócios**. [s.d.] Disponível em <https://www.estudoscemiteriais.com.br/socios> Acesso em 05 de agosto de 2021.

BORGES, Maria Elizia; SANTOS, Alcineia; GOMES, Laryssa. **Estudos Cemiteriais no Brasil: catálogo de livros, teses, dissertações e artigos**. Goiânia: Cegraf UFG, 2010.

BORGES, Maria Elizia. Entrecruzamentos: história institucional da ABEC e dos saberes da arte funerária no Brasil. **Revista de Teoria da História**, UFG, v. 19, n. 1, jun. 2018. p. 32-46.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** – Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: Senado Federal, 2018.

_____. Ministério da Educação. **Análise sobre a Expansão das Universidades Federais 2003 a 2012**. Brasília: MEC, 2012.

CARVALHO, Cristina. de. Política para a educação superior no governo Lula expansão e financiamento. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, [S. l.], n. 58, 2014. p. 209-244.

COORDENAÇÃO de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Cursos Avaliados e Reconhecidos** [Recurso Eletrônico]. [s.l.], [s.d.]. Disponível em <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/programa/quantitativos/quantitativoRegiao.xhtml> Acesso em 4 de agosto de 2021

_____. **Tabela de Áreas de Conhecimento** [Recurso eletrônico]. [s.l.], 2020. Disponível em <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/avaliacao/instrumentos/documentos-de-apoio-1/tabela-de-areas-de-conhecimento-avaliacao> Acesso em 4 de agosto de 2021

COSTA, Luciana Ferreira da. Tendências temáticas na produção científica em Museologia no Brasil. **Revista Iberoamericana de Turismo- RITUR**, Penedo, v. 7, dissê n. 3, dez. 2017, p. 229-267

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística. **Códigos dos municípios IBGE** [Recurso eletrônico]. IBGE, [s.d]. Disponível em <https://www.ibge.gov.br/explica/codigos-dos-municipios.php#CE> Acesso em 4 de agosto de 2021

_____. **Quadro geográfico de referência para produção, análise e disseminação de estatísticas**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

_____. **Sinopse do Censo Demográfico de 2010** [Recurso eletrônico]. IBGE, 2010. Disponível em <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9662-censo-demografico-2010.html> Acesso em 06 de agosto de 2021.

OSORIO, Pedro Luiz Vianna. **Dois encontros e um abraço**: Reflexões sobre a prática educativa em História no Memorial do Rio Grande do Sul, mas não apenas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Licenciatura em História. Porto Alegre, 2019. 161 f.